

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Nivaldo Luís Badagnam

Escola Técnica Estadual José Martimiano da Silva

Ribeirão Preto/SP

2022

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora / Instituição: Érika da Silva Bronzi Moura da Etec José Martimiano da Silva e Claretiano Centro Universitário de Batatais/SP.

Levantamento de dados preliminares a entrevista: Érika da Silva Bronzi Moura

Elaboração do roteiro da pesquisa: Profa. Dra. Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: Entrevista pelo TEAMS

Data: 16 de setembro de 2022

Técnico de gravação: Érika da Silva Bronzi Moura

Duração: 23 minutos e 20 segundos

Número de vídeos: 1

Transcritora: Érika da Silva Bronzi Moura

Número de páginas: 11

Sinopse da entrevista

A presente entrevista foi realizada como parte das atividades do projeto “História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores”, realizado pela professora Érika da Silva Bronzi Moura docente dos cursos Técnicos em Nutrição e Dietética e de Cozinha, com o entrevistado Nivaldo Luís Badagnam, convidado a conceder essa entrevista devido ser ex-aluno de Etec e professor da Etec José Martimiano da Silva e empreendedora na área de sua formação profissional.



Fotografia: Professor Nivaldo Luís Badagman que concedeu a entrevista à professora pesquisadora Érika da Silva Bronzi Moura na sala dos professores.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 16 de setembro de 2022 a 25 de março de 2023.

Nome da transcritora: Érika da Silva Bronzi Moura.

Érika da Silva Bronzi Moura (ESBM): Bom dia.

Nivaldo Luís Badagnam (NLB): Bom dia!

ESBM: Essa entrevista é concedida ao Centro de Memória do Centro Paula Souza, para o Projeto de História Oral. Por favor, fala para mim seu nome completo e a data de hoje.

NLB: Bom, meu nome completo é Nivaldo Luís Badagnam tá. Hoje é 16 de setembro de 2022, uma sexta-feira.

ESBM: Para iniciarmos eu gostaria de lhe pedir para contar um pouco da sua história de vida.

NLB: Aqui na escola?

NLB: Eu iniciei aqui na escola a uns 46 anos atrás. Já sou aposentado há uns 8 anos, mas eu continuo, por causa do plano de carreira, tudo isso aí. É como eu ingressei aqui. Eu fazia Engenharia Civil aqui no Moura Lacerda e morava a umas três quadras daqui. E um dia passando aqui de manhã, indo para a escola, o diretor da época professor Catita ele me chamou. Eu tava descendo Régua T até nas costas e o professor Catita me chamou, né. Perguntou: - se eu fazia engenharia no Lacerda. Faço Engenharia Civil, estou no segundo ano. Não é do seu interesse você dar alguma aula aqui na escola? Falei professor eu nunca dei aula, nunca ministrei aula. Não tem problema não a gente te explica como é. Mas eu não sou formado? Só sou aluno. Não tem problema a gente te explica como é. Você entra como aluno professor ou professor-aluno. Aí tem na época a gente pertencia à Secretaria da Educação. A gente escolhia aula inclusive junto com os professores da rede da Secretaria da Educação, ia uma comissão e tal, e... Olha eu tenho umas aulas de "Organização e Normas", eu peço uma autorização para Secretaria e você ministra as aulas. Eu falei vamos lá, sem problemas. Aí eu fiquei umas duas semanas preparando a aula de Organização e Normas, falava sobre Fairo e Ford. Outra que eu tenho agora é sobre desenvolvimento da indústria, da linha de produção principalmente da Ford, grande Ford III. É ... é como que ouve a linha de produção, a construção dos veículos. Aí tem o que eles comentam, o que eles falam que eles desenvolveram, né. E em função disso eu fui... aí no terceiro dia apareceu uma apostila bem bolada e aí em cima de da apostila eu comecei a dar aula. Era anual na época e passou mais 1 mês apareceram mais aulas. Aí eu fui e, dessa época em diante, eu parei só uns anos, 15 anos atrás mais ou menos. A um ano e meio para trás, eu tinha uma empresa, uma empresa relativamente grande que prestava serviço na área de TV a cabo, na área de elétrica, é instalações de centrais de TV a cabo, instalamos muito em Ribeirão Preto, depois nós fomos para Belo Horizonte, Araçatuba, Americana, tá. E a empresa ficou grande e eu não tinha tempo mais, eu tinha que viajar muito. Aí fiquei um ano, um ano e meio, afastado. Aí como a empresa de TV a cabo dependia muito do governo para liberação de concessões, e de aí começou a diminuir eu tinha uns 350 funcionários e tive que dispensar quase todo mundo. Isso custou uma grana muito alta e começou a não compensar muito. O patrimônio nosso se resumia em equipamento, gerador de energia, veículos né, tinha um patrimônio muito alto e em termos de propriedade, essas coisas, aí acabou que eu tive que vender tudo, praticamente tudo o que nós conquistamos para poder pagar os funcionários e aí nesse meio tempo prestei concurso aqui e voltei a dar aula.

ESBM: E na sua visão quais foram os motivos que te levaram a empreender nessa época que você abriu a empresa?

NLB: Oportunidade. Oportunidade e garra, se você for atrás das coisas as coisas acontecem, e quando o professor aqui nós montamos uma firma eu, professor Ari e professor Osmar. Montamos uma firma de eletricidade, e aí o professor Ari saiu, e fiquei eu e o professor Osmar, e nós montamos uma firma além da de eletricidade de TV a cabo e foi ai que tudo começou.

ESBM: E você recebeu o estímulo da sua família nessa fase de empreender?

NLB: Lógico. Eu praticamente ficava muito tempo fora de casa, eu trabalhava de manhã de tarde eu não tinha muito tempo para ficar com a família, a não ser final de semana, mas final, ainda pintava uma emergência que eu. Eu tinha funcionário pra fazer isso aí, mas de repente eu não tinha funcionário à disposição e aí eu tinha que ir lá resolver o problema.

ESBM: Como surgiu a oportunidade de abrir a empresa?

NLB: Ah, de abrir a empresa, daí nós começamos com a parte de instalação predial. Que é a nossa área aqui na escola instalações elétricas residenciais. Pelo menos pra melhorar um pouquinho o salário. Daí nós resolvemos para melhorar o salário daqui da época que não era tão alto como professor. E aí para melhorar um pouquinho o salário, nós começamos a prestar serviço, para empresas e comunidades, lojas e depois para empresas e daí a coisa foi crescendo.

ESBM: Que ano que vocês iniciaram a empresa?

NLB: Não tenho ideia não, mas vamos jogar aí uns trinta anos atrás mais ou menos.

ESBM: E ela se manteve há mais ou menos quanto tempo?

NLB: Ela se manteve, ela se mantém até hoje, porque eu saí da sociedade, mas o Osmar continuou, o Osmar está muito bem na empresa, ele só trocou o nome da empresa, e ele continua, mais voltado para a área de construção de prédio, indústria. A parte de TV a cabo, nos saímos fora. Ele não mexeu mais, eu não mexi mais, e ele também não.

ESBM: Como você conheceu o Centro Paula Souza? Foi através desse diretor?

NLB: Não, não. Aqui na época, que era o professor Catita, que era o diretor e na época aqui era o Ginásio Industrial e pertencia a Secretaria de Educação, e antes disso, daí aqui na época era... era um polo se fosse um polo técnico na época chamava uma 9ª IREPE, e era uma regional daqui de Ribeirão Preto, e incluía várias cidades daqui da região central. Aqui tinha um almoxarifado central da época, que distribuía ferramentas, equipamentos para todas as escolas da região de Ribeirão Preto de Mococa até Igarapava, Franca, Bebedouro, São José do Rio Preto, que ficava fora, era outra unidade. Aqui a escola tinha uma unidade de Fundição, então o pessoal fundia aqui peças de torno, plaina, moesa, tampa de bueiro, banco de bueiro, aliás, banco para praça, esses bancos, que a base é ferro, com metal e madeira em cima, e mandava para as outras escolas fazerem ajustagem. O pessoal da área de Mecânica tinha uma turma que ficava ali limando peça o dia inteiro até chegar e... e se encaixava no padrão que até eles precisarem. Então tudo era feito aqui na escola, né uma curiosidade é que na revolução de 32 aqui na escola, o pessoal da mecânica e da fundição fazia granada, fazia o pessoal da marcenaria fazia cabo, cabo de fuzil, fazia fuzil para simular uma arma verdadeira. Ficava os Paulistas do lado de cá, os Mineiros do lado de lá, e ficava um brigando com o outro para mostrar a arma, mas na maioria era tudo arma de mentira, tá. E tinha as matracas, também, que eram feitas aqui. A matraca é um tipo de uma peça que você vai rodando, ela parece uma metralhadora, e vai fazendo aquele barulho, era usada na revolução. Era fabricada aqui na escola, é então tudo isso daqui era fabricado aqui na escola, é lógico antes do meu tempo, era tudo feito aqui na fundição na marcenaria.

ESBM: Você não chegou a estudar aqui na escola?

NLB: Não eu estudei na escola. Na industrial de São Joaquim da Barra, certo. E depois, depois eu fiz técnico no colégio técnico de Franca, inclusive era período integral, que era 4200 horas ao ano, você tinha que estudar de manhã e tarde; eu sei que a gente estudava de manhã e de tarde e tinha prática e de sábado ficava até meio dia. Aqui em Ribeirão não tinha colégio técnico. O primeiro colégio técnico que tinha foi o de Mococa. Mococa faz parte lá das 10 mais velhas do Centro Paula Souza. E nós pertencíamos a uma outra Secretaria já mudou várias vezes a Secretaria. Depois, as escolas técnicas ... elas foram é, começaram a pertencer ao Centro Paula Souza.

ESBM: Que ano que você terminou o curso lá em Franca?

NLB: Em 1976, se eu não me engano. Acho que foi em 76 tá, daí eu fui para São Paulo. Fiquei 2 anos e pouco em São Paulo, fiz estágio na Pirelli lá em Santo André, aí depois eu comecei a trabalhar em uma fábrica de condutor lá em Guarulhos. Aí depois eu passei no Lacerda, eu vim fazer faculdade aqui no Lacerda né. Ai eu estando lá fiquei dois anos no Lacerda e comecei a dar aula aqui na escola. Daí eu não parei mais.

ESBM: E lá em Franca qual era o curso?

NLB: Eletrotécnica.

ESBM: E na outra que você estudou?

NLB: Lá era Ginásio Industrial.

ESBM: O que você fez na época era?

NLB: Era o ginásio industrial na época, os cursos eram de artes industriais. Industriais você envolvia toda a parte de elétrica, marcenaria, mecânica, incluía várias áreas. Então a gente fabricava móveis, fabricava brinquedo para crianças, tipo esses tico-tico, que você vai com o pé sentado ali do lado. Fábrica pirografo e vários equipamentos, muitos equipamentos tinha fartura de material, era só pedir que ia. Comprava ferramentas não tinha falta de jeito nenhum e... com isso a gente fabrica vai nesses equipamentos e no final do ano tinha uma feira, o curso era anual e no final do ano tinha uma feira e esses equipamentos eram colocados à venda para a comunidade e com esse dinheiro que arrecadava voltava novamente para a instituição.

ESBM: E lá você começou a estudar com que idade?

NLB: Olha, eu devia ter o quê? Comecei a fazer o tiro de guerra lá, tinha uns 16 anos, 16 anos, 15 anos por aí. Até interessante eu comecei fazer o tiro de guerra em São Joaquim, que era anual, fazer o tiro de guerra eu sou natural de lá e aí no final do ano no meio do ano mais ou eu prestei vestibular lá em Franca pra entrar no colégio agrícola, estadual que era separado o agrícola e o eu não passei no colégio agrícola, não tenho muita noção da área agrícola e eu passei no colégio industrial. Aí eu optei a entrar no colégio industrial, o vestibulinho na época era muito concorrido. Era concorrido e eu fui a primeira turma do

colégio industrial de Franca Júlio Cardoso. Eu estava fazendo tiro de guerra aí, eu cheguei no sargento e falei: - eu passei na escola em Franca no industrial. E é muito difícil a gente entrar e eu consegui entrar tem como o senhor me transferir para o tiro de guerra de Franca? Posso perder ele falou não existe transferência de tiro de guerra, mas eu falei: - eu não posso perder essa vaga. Eu sempre tive muito respeito ele conhecia meu pai, cidade pequena então eu vou fazer o seguinte vou falar que você se machucou, que quebrou o braço e aí eu fui dispensado e lá você vai e se apresenta de novo e foi o que eu fiz só que tinha uma coisa de primeiro o pessoal chora, hoje. Primeiro era obrigado a fazer uniforme, você comprava sua farda, a sua roupa de educação física, todo o material de primeiro. Aí eu tinha comprado tudo já tinha começado a fazer o tiro de guerra e chegando em Franca a farda tinha uma tonalidade, um pouquinho diferente, e o sargento de lá não aceitou, eu tive que comprar outra farda eu tive que comprar outro fardamento. Tive que fazer um sacrifício de pagar, hoje o pessoal recebe tudo de mão beijada, e acha ruim. Situação aí tinha que ir não tinha perdão e se não fosse tinha que ir para Pirassununga, para Brasília, era convocado e aí a pessoa tinha que prestar serviço militar era convocado e aí a pessoa tinha que ir ao exercício. A situação era bem pior, então compensava os pais fazer o sacrifício e ...mandar os filhos para fazer o Tiro de Guerra que é uma coisa maravilhosa fazer, ter esse contingente, mas é uma coisa maravilhosa os pais mandarem o filho para fazer o tiro de guerra ele vira homem e passa a respeitar as pessoas isso é importante.

ESBM: E você teve que mudar para Franca?

NLB: Mudei. É que de primeiro os colégios técnicos como era período integral de manhã, de tarde, e de sábado até meio-dia eles ofereciam alimentação, alimentação boa e de qualidade tipo hotel 5 estrelas, é claro que não... não era um hotel 5 estrelas, mas um hotel 3 ou 4 estrelas não tinha refeição daquele jeito. Todo dia tinha arroz, feijão, uma coxa de frango ou uma carne, carne de boi e uma sobremesa, de manhã tinha café leite pão leite com chocolate, pão com manteiga, pão com queijo e a noite tinha janta quer dizer 99% dos alunos, que estavam ali comiam muito o melhor lá do que em casa. Além da refeição o que que tinha? Tinha uma bolsa que era um salário-mínimo. Não era a miséria de 100 conto, era um salário-mínimo, o aluno que tinha um padrão de vida melhor ele recebia meio salário-mínimo, que era para o da cidade dele, porque tinha 5% dos alunos que eram de franca o resto era de fora e era essa bolsa que ajudava tinha médico, tinha dentista na escola e até o médico era o Dr. Escolapo, o Dr. Escolapo eu esqueço até hoje. Era um ensino, era de excelência, isso.

ESBM: Quer dizer que as famílias gostavam muito que os filhos estudassem lá.

NLB: Nossa! Porque eu vou pegar meu filho colocar numa escola, além disso quem não tinha condição tinha alojamento. Lá na loja mento tinha Quadra eles entravam com roupa de cama era beliche, mas era uma maravilha.

ESBM: E para finalizar, como você já está no horário da sua aula, eu só queria perguntar o seguinte: - que competência você teve no ensino técnico toda essa experiência que você teve no colégio industrial lhe trouxe habilidades para abrir um negócio, abrir uma empresa?

NLB: Abrir a minha empresa. Em primeiro lugar meus conhecimentos, meus conhecimentos sobre a área, convivência com os profissionais, porque os professores da escola atuam na área, eles não só ministram aulas. Então eles estão sempre contando histórias ou fatos que aconteceram na vida profissional e com isso você acaba se interessando por aquele assunto, por aquela atividade, por aquela função profissional e isso é importante, né! Se o seu pai é médico e ele só fala de medicina, medicina, medicina a tendência de você seguir a medicina é muito grande, e aí você acaba indo para a área. Como o professor se ele é da área de Mecânica ou Elétrica, da área que for ele comenta muito da parte fora da escola para os alunos e os alunos acabam se interessando por aquilo está. E é daí que começa a surgir o profissional e outra coisa. Aqui na escola a gente tinha muito acordo com o SEBRAE, então o SEBRAE ministrava cursos de empreendedorismo aqui dentro da escola.

ESBM: A muitos anos atrás.

NLB: Não, não era muitos anos atrás, na época do Osmar. Coisa de 15 anos? De 20 anos daí ele ministrava... ministrava curso de empreendedorismo. Tinha 40 alunos, 50 alunos, a procura era muito grande. Ensina o aluno que estava saindo da escola o que ele tem que fazer para ser um empreendedor.

ESBM: Muito obrigada Nivaldo.

NLB: Ok. Se precisar de mais alguma coisa.

ESBM: Ok. Obrigada.

Descritores

História oral na educação
Empreendedorismo
Etec José Martimiano da Silva
Nivaldo Luís Badagnam
Érika da Silva Bronzi Moura
Técnico em Eletrotécnica
Engenharia Civil
TV a cabo
Construção Civil
SEBRAE
Organização e Normas
Centro Universidade Moura Lacerda
Ginásio Industrial
Mecânica
Elétrica
Fundição
Revolução de 32

Dados Biográficos do Entrevistado



Nivaldo Luís Badagnam – Engenheiro, e Técnico em Eletrotécnica pela Etec Júlio Cardoso, em Franca/SP, professor da Etec José Martimiano da Silva, estudou na década de 70, ele sempre gostou da área de exatas, é natural de São Joaquim da Barra/SP fez

colégio técnico em sua cidade Natal, serviu no Tiro de Guerra em Franca. Foi empresário na área junto com outros professores da mesma escola.

Dados biográficos da Entrevistadora



Érika da Silva Bronzi Moura - natural de Ribeirão Preto/SP, nascida em 16 de agosto de 1979, estudou em escola pública na educação fundamental, ensino médio no colégio Objetivo em Ribeirão Preto/SP, curso superior em Nutrição pela Universidade Federal de Ouro Preto/MG, em 2002. Mestre em Saúde na Comunidade pelo Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto /USP, em 2005. Doutora em Nutrição pela Escola de Farmácia da Unesp Araraquara/SP, em 2013. Docente do curso de Nutrição do Centro Universitário Claretiano de Batatais/SP e do curso Técnico em Nutrição e Dietética da Etec José Martimiano da Silva, desde 2005.

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Nivaldo Luís Badagnam

Termo de Autorização para uso de Imagem de Nivaldo Luís Badagnam

Termo de Autorização de cessão de autoria de Nivaldo Luís Badagnam